

Mapeamento da saúde mental de estagiários de terapia ocupacional

Mapping the mental health of occupational therapy interns

Meire Luci da Silva¹, Ana Flávia Maistro Bernardino², Maria Luiza Aparecida de Jesus³, Nilson Rogério da Silva⁴

Como citar esse artigo. DA SILVA, M.L. BERNARDINO, A.F.M. JESUS, M.L.A. DA SILVA, N.R. Mapeamento da saúde mental de estagiários de terapia ocupacional. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 1, p. 147-158, jan./abr. 2024.

Resumo

O período de estágio clínico é permeado de vivências e desafios que podem impactar na saúde mental dos estagiários. O presente estudo teve o objetivo de investigar a presença de depressão, ansiedade e estresse em estagiários de terapia ocupacional durante a pandemia. Pesquisa descritiva e exploratória. Amostra composta por estagiários de Terapia Ocupacional de instituições de ensino superior brasileiras. Para coleta de dados, utilizou-se um Formulário sociodemográfico e acadêmico e a Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS – 21). Dados analisados por cálculos de estatísticas descritivas e conforme protocolo do instrumento. Identificou-se alta prevalência de estagiários com sintomas de ansiedade, seguida de depressão e estresse, incluindo casos em níveis patológicos. Observou-se a ocorrência de mais de um transtorno em concomitância. Verifica-se a necessidade de ações interdisciplinares e intersetoriais voltadas ao cuidado, apoio, acolhimento e promoção da saúde mental dos estagiários.

Palavras-chave: Saúde Mental; Estudante; Estágio Clínico; Terapia Ocupacional.



Abstract

The clinical internship period is permeated with experiences and challenges that can impact the mental health of interns. The present study aimed to investigate the presence of depression, anxiety, and stress in Occupational Therapy interns during the pandemic. Descriptive and exploratory research. Sample composed of Occupational Therapy interns from Brazilian higher education institutions. Data collection involved the use of a sociodemographic and academic questionnaire and the Depression, Anxiety, and Stress Scale (DASS-21). A high prevalence of interns with symptoms of anxiety identified, followed by depression and stress, including cases at pathological levels. The occurrence of more than one concurrent disorder observed. There is a need for interdisciplinary and intersectoral actions aimed at the care, support, and promotion of the mental health of interns.

Keywords: Mental health; Student; Clinical Clerkship; Occupational Therapy.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Introdução

Os impactos decorrentes da pandemia se estenderam por todos os setores da sociedade, acarretando em desafios e adversidades relacionados à saúde física, saúde mental e questões socioeconômicas. No Brasil, o saldo de vidas perdidas ultrapassou a marca de 600 mil óbitos, com mais de vinte milhões de casos confirmados até o ano de 2022 (BRASIL, 2022). O grande número de casos e internações ocasionou, em alguns momentos, no colapso do sistema de saúde.

A educação foi um dos setores diretamente impactados, afetando cerca de 1,6 bilhão de estudantes

Afiliação dos autores:

¹Doutora em Engenharia Biomédica. Professora Doutora do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Tutora do Programa de Pós-graduação Latu Sensu Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Faculdade de Medicina de Marília. Marília, São Paulo, Brasil.

^{2,3}Doutora em Engenharia Biomédica. Professora Doutora do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Tutora do Programa de Pós-graduação Latu Sensu Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Faculdade de Medicina de Marília. Marília, São Paulo, Brasil.

⁴Pós-Doutor. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Livre docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Marília, São Paulo, Brasil.

Email de correspondência: meire.silva@unesp.br

Recebido em: 06/09/2023. Aceito em: 19/02/2024.

em todo o mundo durante o auge da crise (UNESCO, 2020). No início da pandemia, aproximadamente 83% das instituições de ensino superior no Brasil tiveram que suspender suas atividades acadêmicas (CARNEIRO *et al.*, 2020). Nesse sentido, diversas instituições de ensino se viram obrigadas a substituir as aulas presenciais por atividades de ensino à distância, utilizando as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), como alternativa possível de continuidade do ensino.

Frente ao colapso do sistema de saúde e à urgente necessidade de formar profissionais da área da saúde para atender à crescente demanda, bem como a mitigação dos impactos da pandemia no ensino superior, o Ministério da Educação e Cultura, por meio da Portaria/MEC 544/2020, autorizou os cursos da área da saúde a realizar atividades práticas, incluindo estágios, tanto de forma presencial quanto virtual (BRASIL, 2020). A transição para o ensino remoto representou um desafio significativo a todos os atores envolvidos. As atividades foram conduzidas de forma assíncrona e síncrona, utilizando plataformas virtuais, fato este que exigiu diversas adaptações, como o uso de aplicativos de mensagens, a utilização de chips de telefone celular para acesso às atividades e a adequação do ambiente doméstico para fins acadêmicos. Além disso, muitos universitários tiveram que compartilhar equipamentos eletrônicos, como *notebooks*, *tablets* e celulares, entre outros.

Uma revisão bibliográfica nacional, com o objetivo de apresentar e discutir os desafios e oportunidades do uso das TDICs no ensino superior público, destacou que embora a conexão à internet esteja presente em 67% dos lares brasileiros, muitas vezes essa não é de alta velocidade (CARNEIRO *et al.*, 2020). Ademais, outro estudo revelou que apenas 48% da população de baixa renda tinha algum tipo de acesso à internet e que esse era geralmente por meio de dispositivos móveis (CGI.BR, 2019). Considerando que o Brasil é um país subdesenvolvido onde há o predomínio de pessoas em vulnerabilidade socioeconômica, as atividades remotas configuraram como um desafio ainda mais intenso por revelar as desigualdades sociais.

As dificuldades e condições para realização das atividades remotas de ensino atreladas às consequências da pandemia como o isolamento e distanciamento social, impactaram diretamente na saúde e rotina dos universitários (CARNEIRO *et al.*, 2020), pois exigiu a adoção de novos hábitos, novas formas de se relacionar, de estudar, de autocuidado, de trabalho e lazer.

A preocupação com a saúde, a adoção de uma nova rotina, de novos comportamentos, das mudanças no ambiente, das exigências acadêmicas, a dificuldade de conciliar as demandas e o contexto socioeconômico, são fatores que associados ou não, podem ter contribuído para o desenvolvimento e/ou agravamento de transtornos mentais, incluindo estagiários da área da saúde, objeto de estudo do presente trabalho.

A literatura nacional identificou altas taxas de prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) em universitários de diferentes cursos da área da saúde. Especificamente em universitários do curso de Terapia Ocupacional em momento anterior à pandemia, estudo realizado na Universidade de Brasília identificou a ansiedade em 56,6% dos participantes e 25,5% com sintomas de depressão (MILHOMEN, 2018). Outro estudo realizado em uma instituição de ensino superior em São Paulo mostrou que a prevalência de ansiedade e depressão em estudantes de Terapia Ocupacional foi de 41,5% e 33,3%, respectivamente (COSTA *et al.*, 2021).

A pandemia de COVID-19 também teve um impacto significativo na saúde mental dos estudantes de Terapia Ocupacional. Estudo realizado durante a pandemia mostrou que a organização do tempo e as dificuldades no desempenho das ocupações foram relacionadas aos níveis de ansiedade, depressão e estresse (PAIXÃO *et al.*, 2022).

Internacionalmente, estudo comparativo que aplicou a *Depression, Anxiety and Stress Scale* (DASS-21) em universitários portugueses evidenciou notável aumento nos níveis de depressão, estresse e ansiedade durante o período da pandemia (MAIA *et al.*, 2020). Pesquisa que analisou o estado psicológico de estudantes universitários chineses matriculados no curso de medicina durante a pandemia, utilizando a Escala de Transtorno de Ansiedade Generalizada (GAD-7) para avaliar a ansiedade, revelou que 24,9% dos universitários apresentaram sintomas de ansiedade, estando associados às preocupações relacionadas ao

futuro, com os membros da família infectados, distanciamento social e questões econômicas (CAO *et al.*, 2020).

No processo de formação no ensino superior de cursos da área da saúde é condição obrigatória prevista na matriz curricular a participação em atividades práticas, frequentemente sob a forma de estágios clínicos supervisionados realizados em diversos ambientes de prática (SANTANA, 2015). Nesse período, eles adquirem novos conhecimentos, competências e habilidades relacionadas à prática profissional, aprendem a interagir com os pacientes e outros profissionais de saúde, assumem novas responsabilidades e experimentam uma variedade de sentimentos ambíguos. Esse período pode ser permeado por vulnerabilidades que repercutem negativamente na saúde mental dos estudantes (SILVA *et al.*, 2020; SANCHES *et al.*, 2018).

Nesse contexto, um estudo, antes da pandemia, que avaliou os níveis de estresse de estagiários de Terapia Ocupacional (T.O.) revelou uma alta prevalência de estagiários com sintomas de estresse e associação desses com a dificuldades no cumprimento das regras de estágio, redução do tempo disponível para atividades de lazer e repouso, acúmulo de tarefas devido à elaboração de trabalhos de conclusão de curso e dificuldade em lidar com as emoções provenientes dos desafios apresentados pelos pacientes (SILVA *et al.*, 2020; SANCHES *et al.*, 2018).

Adicionalmente, uma revisão bibliográfica abrangente que investigou a literatura nacional e internacional sobre a saúde mental de estudantes de Terapia Ocupacional revelou que a realização de atividades práticas e a imersão dos estudantes no ambiente de estágio podem ser fontes significativas de estresse, potencialmente evoluindo para sintomas de sofrimento psíquico (CONSTANTINIDIS; MATSUKURA, 2021). Outro estudo afirma que os universitários de Terapia Ocupacional demonstraram ser mais susceptíveis a problemas de saúde mental em comparação com estudantes de outras disciplinas da área da saúde (ARANTES, 2018).

Considerando o contexto atípico da pandemia, as altas prevalências de sintomatologia de transtornos mentais comuns antes da pandemia e o escasso número de publicações que abordam a saúde mental de estagiários de T.O., especialmente no contexto da pandemia, se faz importante e necessárias investigações sobre a saúde mental desse público a fim de compreender as necessidades específicas desse público. Tal estudo se justifica no sentido de contribuir para subsidiar o desenvolvimento de estratégias de apoio e intervenções direcionadas que visam ao bem-estar desses futuros profissionais da saúde mental. Além disso, a pesquisa desempenhará um papel significativo no enriquecimento da literatura científica, fornecendo informações cruciais sobre como a pandemia afetou a saúde mental desses universitários. Esse conhecimento será valioso para pesquisadores, educadores e profissionais da saúde interessados em promover o bem-estar dos universitários.

Acredita-se que os resultados não apenas contribuirão para o desenvolvimento de ações de cuidado específicas para esses estagiários, mas também fornecerão subsídios para discussões, reflexões e propostas que possam influenciar futuras reestruturações de Projetos Políticos Pedagógicos e até mesmo de diretrizes curriculares desses cursos, garantindo um ambiente de formação mais saudável e adaptado aos desafios do presente e do futuro.

Considerando todos os apontamentos mencionados, esse estudo teve como objetivo investigar a presença de depressão, ansiedade e estresse em estagiários de Terapia Ocupacional durante a pandemia.

Metodologia

Pesquisa exploratória, descritiva, de caráter quantitativo e de corte transversal. O projeto de Pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) sob CAAE 56551916.4.000.5406 e aprovado sob parecer 4.308.406.

Amostra foi composta por universitários concluintes matriculados regularmente em cursos de graduação em T.O. de universidades brasileiras, que realizavam estágio clínico supervisionado

presencialmente. Como critérios de inclusão, o participante deveria aceitar participar voluntariamente, estar matriculado regularmente e estar em atividades de estágio na forma presencial. Como critérios de exclusão: a recusa em responder ou desistência em uma das etapas da pesquisa, não estar em atividades de estágio presencial e não responder a um dos itens dos instrumentos utilizados.

Como instrumentos para coleta de dados foi elaborado um formulário composto por 27 perguntas fechadas sobre caracterização sociodemográfica e acadêmica da amostra (idade, sexo, religião, trabalho, moradia, auxílios, curso, área, ano, semestre, entre outros). Também foi utilizado a *Depression, Anxiety and Stress Scale – Short Form* (DASS – 21) que consiste em uma escala validada e traduzida para aplicação no Brasil, que tem como objetivo rastrear sintomatologia de depressão, ansiedade e estresse (VIGNOLA; TUCCI, 2014). Esta escala contém um total de 21 perguntas que são divididas em três subescalas de sete questões. As respostas referentes às questões devem ser baseadas na ocorrência dos itens na última semana, variando de 0 a 3 pontos.

Para aplicação dos instrumentos foi utilizado a plataforma virtual do Google Forms que permitiu a elaboração e aplicação destes, de forma online por meio de um link de acesso encaminhado por e-mail aos participantes. Para convite aos participantes da pesquisa utilizou-se a técnica *Snow Ball*, onde um estudante indicava outros dois estudantes e assim sucessivamente. Ao acessar o *link*, esses eram direcionados para a página do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que continha informações sobre a pesquisa, objetivos e procedimentos. Somente após aceitação, os respondentes acessavam o questionário. A respondência foi de aproximadamente 10 minutos e foi realizada no mês de setembro de 2021. Em caso de dúvidas, o respondente poderia entrar em contato com os pesquisadores responsáveis.

Para análise dos dados coletados, as respostas foram tabuladas e organizadas em planilha Excel e, posteriormente, transcritas para o software *Statistical Package for the Social Sciences* versão 21.

As respostas do Formulário de caracterização sociodemográfica e acadêmica foram analisadas usando cálculos de estatística descritiva (média, desvio padrão, frequência e porcentagem). Para análise das respostas da DASS-21 foi utilizado o protocolo do instrumento, sendo que para cálculo da depressão foram utilizadas as respostas: 03, 05, 10, 13, 16, 17 e 21; da ansiedade: 02, 04, 07, 09, 15, 19, 20; do estresse: 01, 06, 08, 11, 12, 14, 18. Os resultados permitiram a identificação em sintomático e assintomático e classificação da sintomatologia em níveis normal, leve, moderado e severo, bem como classificação em patológico ou não patológico.

Resultados

Diante do exposto na Metodologia acima, participaram 92 estagiários do curso de T.O., com média de idade de 21,9 (DP± 1,98), maioria do sexo feminino (87%), solteira (97,8%), com religião (82,6%), não trabalhava (75%), mantinha-se na universidade por renda própria e/ou familiar (47,8%), morava com a família, amigos ou namorado (a) (94,6%), dividia as despesas da casa (62%), estudava em instituição pública de ensino (92,4%) e cursava período integral (92,4%), conforme Tabela 1.

Tabela 1. Dados sociodemográficos e econômicos da amostra

Variáveis		n	%
Sexo	Feminino	80	87,0
	Masculino	12	13,0
Estado Civil	Solteiro/Separado/Divorciado/Viúvo	90	97,8
	Casado/união estável	02	2,2
Religião	Sim	76	82,6
	Não	16	17,4

Variáveis		n	%
Renda	Família/Própria	44	47,8
	Bolsa /Auxílio	20	21,7
	Ambos	28	30,4
Trabalho	Sim	23	25,0
	Não	69	75,0
Moradia	Pais/amigos/namorado	87	94,6
	Sozinho	05	5,4
Divide despesas	Sim	57	62,0
	Não	35	38,0
Tipo instituição	Pública	85	92,4
	Privada	07	7,6
Período	Integral	85	92,4
	Matutino/Vespertino/Noturno	07	7,6

Em relação aos transtornos mentais, da amostra total, 21,7% (20) estagiários apresentaram-se assintomático para as três variáveis e 78,3% (72) sintomático para uma ou mais variáveis. Importante salientar que 47,8% (44) estavam sintomáticos para as três variáveis. Dos sintomáticos, 65,2% apresentavam sintomas de ansiedade, 63,0% de depressão e 62,0% de estresse (Tabela 2).

De acordo com o protocolo de análise estabelecido pelo instrumento, os sintomáticos podem ser classificados em níveis de gravidade. O instrumento também permite a classificação de patológico e não patológico, sendo considerados patológicos aqueles que estão nos níveis moderados e severos.

Nessa direção, os resultados apontaram que 58,7% estavam em níveis patológicos para ansiedade, seguidos de 50,0% para depressão e 48,9% para estresse, necessitando, portanto, de intervenções (Tabela 2).

Tabela 2. Classificação dos níveis dos transtornos mentais

Variáveis	Classificação	Não Patológico		Patológico		
		n	%	n	%	
Depressão	Assintomático	Normal	34	37,0	00	0,0
		Leve	12	13,0	00	0,0
	Sintomático	Moderado	00	0,0	24	26,1
		Severo	00	0,0	22	23,9
Ansiedade	Assintomático	Normal	32	34,8	00	0,0
		Leve	06	6,5	00	0,0
	Sintomático	Moderado	00	0,0	25	27,2
		Severo	00	0,0	29	31,5
Estresse	Assintomático	Normal	35	38,0	00	0,0
		Leve	12	13,1	00	0,0
	Sintomático	Moderado	00	0,0	20	21,7

Discussão

Aspectos sociodemográficos e acadêmicos

No âmbito do presente estudo, foi constatada uma prevalência do sexo feminino. Este achado pode ser elucidado à luz do contexto histórico que delineou a constituição e evolução da profissão de

Terapia Ocupacional (TO.), o qual coincidiu com o período de ingresso e emancipação profissional das mulheres (FIGUEIREDO *et al.*, 2018). Vale ressaltar que essa observação também encontra respaldo no estereótipo culturalmente atribuído às mulheres como cuidadoras, o que, por conseguinte, contribui para o predomínio delas nas carreiras relacionadas à área da saúde (BORGES, 2017).

A afiliação religiosa foi mencionada por grande maioria dos estagiários de Terapia Ocupacional (T.O.) desse estudo. Não obstante a elevada prevalência de sintomas relacionados a transtornos mentais comuns identificados nesse grupo, conjectura-se que a religião fornece um sistema de crenças que promove a esperança, a resiliência e a capacidade de lidar com adversidades, características fundamentais para a saúde mental durante tempos de crise. Nesse sentido, a religião pode ter exercido um impacto positivo, motivando esses universitários a preservar a esperança e aprimorar seu bem-estar psicológico durante o período de isolamento imposto pela pandemia de COVID-19, com as consequentes repercussões emocionais adversas que dela advieram (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Paralelamente, observou-se que a religiosidade também pode ser associada à mitigação do estresse e à promoção do bem-estar emocional (LAPA, 2022). Acrescenta-se, ainda, que tanto a religiosidade quanto a presença de um sistema de apoio social e a adoção de práticas voltadas ao autocuidado em maior magnitude, demonstram potencial como variáveis preditivas significativas para a melhoria da qualidade de vida dos estagiários (ABDULLAH *et al.*, 2020; VERAMENDI; MERINO; RAMOS, 2020).

Com a pandemia, verificou-se um fenômeno em que um contingente expressivo de universitários precisou regressar às residências parentais, o que teve como consequência direta a dependência econômica continuada ou recorrente em relação à renda familiar. Trata-se de uma condição ambivalente o impacto do ambiente familiar na saúde mental dos indivíduos afetados, pois, se por um lado, a coabitação com familiares ou amigos pode ser interpretada como um elemento potencialmente benéfico, uma vez que oferece uma rede de suporte social considerável em situações de adversidade. Por outro lado, o aumento da convivência próxima com membros familiares ou colegas de casa pode desencadear ou intensificar conflitos interpessoais, contribuindo para o surgimento de experiências de sofrimento emocional, de forma que a família passa a ser concebida como um fator potencial de risco para o desenvolvimento de agravos à saúde mental (MESQUITA *et al.*, 2016), dificuldades nas interações familiares e com amigos (CAO *et al.*, 2020).

O fato de que a maioria dos estagiários de Terapia Ocupacional colaborava com as despesas mensais da casa pode ser um motivo de preocupação, ansiedade e estresse para esses, especialmente em um momento pandêmico repleto de incertezas, incluindo as financeiras, as dificuldades financeiras também foram reveladas nos estudos de caso (CAO *et al.*, 2020).

Dessa forma é possível inferir que as despesas financeiras contribuíram para prejuízos na saúde mental de universitários, figurando entre os fatores negativos associados ao sofrimento, ao déficit na qualidade do sono e a capacidade de concentração, o que pode prejudicar o desempenho acadêmico dos estagiários. No entanto, em alguns casos, dividir as despesas pode ser uma estratégia de permanência no ensino superior (ZAGO, 2006).

Parcela substancial da amostra abordada nesta pesquisa apresentava uma carga horária de estudos em período integral e não estava envolvida em atividades de emprego remunerado. O compromisso com um regime de estudos em período integral reduz significativamente as oportunidades de participação em atividades de trabalho, um aspecto que, por sua vez, pode comprometer substancialmente as condições essenciais para a manutenção do padrão de vida e a permanência estudantil. É pertinente ressaltar as complexidades inerentes à permanência dos estudantes no ensino superior em momento pré-pandêmico, a vulnerabilidade socioeconômica emergiu como um fator preponderante, exercendo influência direta sobre o desempenho acadêmico, na evasão no sistema de ensino superior e na suscetibilidade ao desenvolvimento de transtornos mentais (ROSA; RIBEIRO, 2017).

De maneira concomitante, estudos abordando as condições socioeconômicas e a permanência de estudantes universitários revelaram a persistência das desigualdades no acesso e na permanência no

ensino superior brasileiro, uma realidade que, segundo observações, foi exacerbada pela pandemia de Covid-19 (SOUSA; DIAS, 2020). Sob tal perspectiva, o contexto pandêmico se caracterizou por impactos econômicos substanciais, conforme evidenciado neste estudo, sem que medidas governamentais eficazes fossem prontamente implementadas para atender às necessidades básicas da população, ressaltando as desigualdades sociais. Essa falta de resposta efetiva pode ter contribuído para o desencadeamento e o agravamento de preocupações, ansiedade e estresse associados às condições de subsistência (CONSTANTINIDIS; MATSUKURA, 2021).

A dinâmica e a estrutura do ensino voltadas para a aquisição e construção do conhecimento têm historicamente enfrentado uma série de desafios, com destaque para as questões relacionadas à acessibilidade (SILVA *et al.*, 2020). É plausível inferir que, em decorrência da pandemia, essas problemáticas possam ter sido exacerbadas. Nesse sentido, é pertinente considerar que estudos anteriores ao contexto pandêmico já sinalizavam que o ingresso na educação superior, por si só, configura-se como um período intrincado, repleto de desafios e obstáculos (SILVA *et al.*, 2020; SANCHES *et al.*, 2018).

Sintomatologia de transtornos mentais

Um contingente expressivo de estagiários do presente estudo demonstrou sintomatologia associada a uma ou mais transtornos mentais, sendo que, em muitos casos, esses sintomas atingiram níveis patológicos. É relevante observar que já se constataavam indícios de sofrimento mental em estagiários antes do advento da pandemia (SANCHES *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2020; MILHOMEM, 2018). Neste contexto, autores ressaltavam que o sofrimento vivenciado pelos estagiários frequentemente se manifestava por meio do aparecimento de sintomas que englobavam estresse, ansiedade, depressão, ideação suicida, além do uso excessivo de substâncias, como o álcool, em busca de alívio imediato ou como meio de integração social. Tais manifestações têm frequentemente repercussões adversas na trajetória acadêmica, resultando em índices elevados de reprovação, trancamento e evasão escolar (ANVERSA *et al.*, 2018).

No contexto deste estudo, verificou-se uma predominância de sintomas depressivos nos estagiários, sendo que metade deles apresentou sintomatologia em níveis patológicos. É importante notar que pesquisas anteriores evidenciaram a presença de sintomas de depressão em universitários antes do advento da pandemia (SANCHES *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2020; MILHOMEM, 2018). Esses estudos também indicam que os universitários do curso de Terapia Ocupacional (TO), particularmente no último período, exibiam uma carga expressiva de sintomas depressivos em níveis leves (38,46%) e moderados (30%).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, os estágios clínicos supervisionados são tradicionalmente realizados nos últimos semestres do curso de TO, caracterizados por desafios intensos, incluindo a integração da teoria com a prática, o estabelecimento de relações terapeuta-paciente e interações interpessoais com colegas, equipe e supervisores, bem como o confronto com situações de doença e sofrimento. Tais desafios, associados ou não, podem contribuir para o surgimento de sintomas depressivos (SANCHES *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2020).

Além disso, um estudo que investigou os níveis de ansiedade, depressão e estresse em estagiários da área de saúde, incluindo Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Fonoaudiologia, constatou que 57,0% da amostra apresentou sintomas de depressão, com destaque para os estagiários de T.O. que registraram a segunda maior incidência de sintomatologia depressiva (SILVA *et al.*, 2020). Esses achados também corroboram a predominância de estagiários do sexo feminino, em consonância com os resultados do presente estudo. A literatura, inclusive em relação aos estudantes de TO, sugere que as mulheres estão mais propensas a apresentar sintomas depressivos, possivelmente devido a fatores como auto cobrança excessiva, carga de trabalho dupla, maior envolvimento emocional com as situações cotidianas e uma maior predisposição para reconhecer e relatar sintomas depressivos.

Outros estudos têm indicado que os estagiários de TO, sobretudo aqueles que cursam em período integral, podem estar em risco de desenvolver sintomas depressivos, possivelmente devido à falta de atividades físicas e de lazer. A pandemia de COVID-19 agravou essa situação, uma vez que as restrições

sanitárias limitaram a prática de atividades físicas e de lazer ao ar livre e fechamento de academias (LEITÃO *et al.*, 2021).

A adaptação ao contexto universitário, o afastamento da rede de apoio social, incluindo família e amigos, e a transição para atividades práticas de estágio são fatores que podem ter contribuído para os sintomas depressivos (BRESOLIN *et al.*, 2020), estando em consonância com as descobertas do presente estudo. Além disso, o estágio é caracterizado por um período de mudanças significativas e de adaptação, podendo desencadear angústia relacionada a eventos e situações envolvendo os pacientes, como morte, vulnerabilidade social e conflitos, entre outros, o que pode levar a uma visão negativa sobre a profissão e questionamentos em relação à carreira e à vida (BRESOLIN *et al.*, 2020).

As responsabilidades e a pressão tendem a aumentar nos estágios finais da graduação, à medida que os estudantes enfrentam expectativas e desafios para ingressar no mercado de trabalho, participar de concursos públicos e residências (BRESOLIN *et al.*, 2020). Portanto, a identificação precoce e o apoio adequado aos estudantes de TO, especialmente durante os estágios clínicos, podem ser fundamentais para mitigar os sintomas depressivos e promover um ambiente acadêmico mais saudável.

Os resultados deste estudo revelaram que 63,0% dos estagiários exibiram sintomas relacionados à ansiedade, e destes, 58,7% foram classificados com níveis patológicos de ansiedade. Tais constatações são congruentes com pesquisas prévias conduzidas com estudantes da área da saúde, as quais apontaram uma prevalência de 60,5% de sintomas de ansiedade, dentre os quais 31,9% eram alunos do curso de Terapia Ocupacional, com 40,5% destes apresentando sintomatologia patológica (SILVA *et al.*, 2020).

Estudo com universitários de Terapia Ocupacional demonstrou que os traços de ansiedade tendem a aumentar à medida que os anos de graduação progredem, com o último ano acadêmico, evidenciando-se particularmente propenso ao aumento desses níveis devido à acumulação de diversas responsabilidades, tais como estágios, a elaboração do trabalho de conclusão do curso e a concretização do aprendizado adquirido ao longo da graduação (CIPRIANO *et al.*, 2021). Além da sobrecarga de atividades, a ansiedade pode estar relacionada à transição para contextos e vivências desconhecidos, tanto em termos físicos quanto emocionais, com os graduandos assumindo um papel ativo na prática profissional (CLARKE; DE-VISSER; SADLO, 2019).

Pesquisa nacional que analisou os níveis de ansiedade em 1.112 universitários, ingressantes e concluintes de diversos campos de estudo, corrobora os achados do presente estudo ao indicar uma maior prevalência de ansiedade entre universitários do sexo feminino. Os autores sugerem que as mulheres frequentemente enfrentam dificuldades, conflitos e pressões adicionais em seu cotidiano, o que pode contribuir para o aumento dos sintomas ansiosos. Além disso, o estudo revelou uma maior prevalência de sintomas ansiosos entre os graduandos concluintes da área de saúde em comparação com os ingressantes, atribuindo esse fenômeno ao medo do desemprego, à falta de experiência prática no mercado de trabalho e à ansiedade relacionada à iminente conclusão da graduação (CARVALHO *et al.*, 2015).

Em uma revisão de literatura nacional foi identificado que os universitários de Terapia Ocupacional de anos anteriores ao estágio relataram que utilizavam como estratégias de enfrentamento para lidar com a ansiedade, o apoio social e pensamentos positivos (CONSTANTINIDIS; MATSUKURA, 2021). No entanto, devido à pandemia de COVID-19, as interações sociais, as redes de apoio e o contato interpessoal passaram por diversas transformações (CAO *et al.*, 2020). Muitos estagiários tiveram que se adaptar ao teleatendimento, o que demandou habilidades no manuseio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e na adaptação das atividades. A transição para atendimentos presenciais também pode ter gerado ansiedade diante das incertezas associadas à pandemia.

Além disso, uma revisão de literatura que investigou os fatores desencadeantes de ansiedade entre estudantes da área da saúde no último ano de graduação apontou o medo de contrair a COVID-19 como um dos principais responsáveis pelo aumento da prevalência de ansiedade (COSTA *et al.*, 2021). Esse contexto de incerteza e preocupação relacionado à saúde pública pode ter contribuído significativamente para o aumento dos níveis de ansiedade entre os universitários da área da saúde (COSTA *et al.*, 2021).

No presente estudo, foi observado que mais da metade dos estagiários apresentou sintomas de estresse, e muitos destes sintomas alcançaram níveis patológicos. Uma pesquisa nacional que investigou a presença de estresse e sintomas relacionados, em 102 universitários da área da saúde, abrangendo cursos como Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição e Terapia Ocupacional em uma instituição pública, identificou a ocorrência média de estresse em 70% da amostra, considerando todos os cursos, especificamente em 61% no curso de Fisioterapia e 88% no curso de Terapia Ocupacional, sendo que os sintomas aumentavam à medida que avançavam nos anos de estudo (MURAKAMI *et al.*, 2019).

Outra pesquisa que investigou os impactos da pandemia na rotina e na saúde mental dos universitários de Terapia Ocupacional de uma universidade pública destacou entre os fatores estressantes que afetam os estudantes nos estágios finais do curso, a conclusão do trabalho de conclusão de curso e as expectativas em relação ao futuro (CONSTANTINIDIS; MATSUKURA, 2021). Segundo as autoras, os universitários nesse estágio enfrentam apreensões relacionadas aos prazos de entrega de trabalhos, à realização de atendimentos práticos, dúvidas sobre as intervenções terapêuticas, além da autocobrança, elementos que contribuem para o aumento dos níveis de estresse (CONSTANTINIDIS; MATSUKURA, 2021).

Um estudo nacional que investigou a prevalência de estresse em estagiários de Terapia Ocupacional identificou uma alta incidência de graduandos com sintomas de estresse. Segundo os autores, esse sintoma poderia estar relacionado a dificuldades na administração dos estágios, incluindo o cumprimento das regras da instituição e da carga horária, bem como a falta de tempo para necessidades básicas, como alimentação, e também aos desafios nos relacionamentos interpessoais. Esses incluem o manejo da demanda emocional dos pacientes, o atendimento de pacientes individualmente ou em grupo, as relações com colegas e supervisores, além do suporte emocional (SANCHES *et al.*, 2018).

Durante a pandemia, outros fatores estressores foram identificados, como o medo de realizar atendimentos em unidades de saúde, ambulatórios e hospitais devido à possibilidade de contaminação dos pacientes. Além disso, o estudo relata que os estudantes que fazem parte do grupo de risco para a COVID-19 devido a comorbidades ou aqueles que estão passando por tratamentos invasivos são mais suscetíveis a apresentar sintomas de estresse (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Nesse sentido, os resultados revelaram para a presença de indicadores significativos de transtornos mentais em estagiários de Terapia Ocupacional, seja pelas próprias características do estágio, mas também agravadas pelo momento pandêmico e os fatores adicionais advindos dessa situação. Importante ressaltar que a saúde mental dos estagiários prejudicada pode interferir na qualidade da assistência prestada aos usuários dos serviços, interferindo nas relações interpessoais e profissionais.

Conclusão

Os resultados da presente pesquisa revelaram uma alta prevalência de sintomas de transtornos mentais comuns, incluindo casos em níveis patológicos. A sintomatologia predominante abrangeu ansiedade, depressão e estresse, com maior patologia observada na variável ansiedade, seguida pela depressão e estresse, sendo identificada também a ocorrência de mais de um transtorno em concomitância. Tratam-se de indicadores de depressão, ansiedade e estresse, pois os instrumentos utilizados são rastreadores e não de diagnóstico. O contexto da pandemia e a necessidade de adaptação nos estágios clínicos, seja para os atendimentos presenciais e demanda pelo uso de equipamentos de proteção individual e risco de contaminação, seja por meio de teleatendimento, exigindo habilidades no uso de tecnologias, tais fatores podem ter contribuído para o surgimento ou aumento desses sintomas.

Além disso, os resultados proporcionaram uma caracterização da condição de saúde mental dos estagiários de Terapia Ocupacional, revelando nesse período particularmente delicado, a necessidade de atenção especial à própria saúde dos universitários, uma vez que eles são os responsáveis pelo cuidado de outras pessoas. Adicionalmente, o período de estágio é associado a uma sobrecarga significativa de tarefas acadêmicas e de manutenção de vida.

Esses achados têm implicações importantes para os gestores, coordenadores de cursos e supervisores de estágios supervisionados. Sugere-se a necessidade de repensar estratégias para lidar com o sofrimento psíquico dos estagiários, reduzir a sobrecarga e, sobretudo, implementar ações que promovam a saúde mental e ofereçam apoio e acompanhamento adequado aos estagiários.

É importante ressaltar que um dos limitantes deste estudo foi o tamanho reduzido da amostra, o que pode dificultar a generalização dos resultados.

Como sugestão para estudos futuros, recomenda-se a realização de pesquisas longitudinais para compreender o comportamento das variáveis ao longo do tempo e como elas se inter-relacionam, no sentido de contribuir para o desenvolvimento e implementação de estratégias mais eficazes no suporte aos estagiários de Terapia Ocupacional.

Referências

- ABDULLAH, M. F. I. L. B. et al. Quality of Life of University Students During The COVID-19 Pandemic: Age, History of Medical Illness, Religious Coping, COVID-19 Related Stressors, Psychological Factors and Social Support Were Predictive of Quality of Life. *Research Square*, 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.21203/rs.3.rs-104496/v1>. Acesso em: 06 Set. 2023.
- ANVERSA, A. C. et al. Qualidade de vida e o cotidiano acadêmico: uma reflexão necessária. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 2018, v. 26, n. 03, pp. 626-631. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1185A>. Acesso em: 20 Ago. 2023.
- ARANTES, A. P. Qualidade de vida e transtorno mental comum em graduandos de ciências da saúde. *Dissertação (Mestrado em Atenção à Saúde) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Atenção à Saúde, Universidade Federal do Triângulo*, 2018. Disponível em: <http://bdtd.uftm.edu.br/handle/tede/745>. Acesso em: 20 Ago. 2023.
- BORGES, T. M. B.; DETONI, P. P. Trajetórias de feminização no trabalho hospitalar. *Cadernos de psicol. soc. trab.*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 143-157, 2017. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v20i2p143-157>. Acesso em: 13 Ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020>. Acesso em: 20 Ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Coronavírus Brasil - Painel Coronavírus. Brasília, DF: Presidência da República, 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 20 Ago. 2023.
- BRESOLIN, J.Z. et al. Depressive symptoms among healthcare undergraduate students. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v.28, p.e3239, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.3210.3239>. Acesso em: 20 Ago. 2023.
- CAO, W. et al. The psychological impact of the COVID-19 epidemic on college students in China. *Psychiatry Research*, v. 287, p. 287:112934, 2020. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112934>. Acesso em: 03 Set. 2023.
- CARNEIRO, L.A. et al. Uso de tecnologias no ensino superior público brasileiro em tempos de pandemia COVID-19. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 9, n. 8, p. e267985485, 2020. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5485>. Acesso em: 03 Set. 2023.
- CARVALHO, E. A et al. Índice de ansiedade em universitários ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior/Anxiety scores in university entering and graduating students from a higher education institution. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 14, n. 3, p. 1290-1298, 2015. <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v14i3.23594>. Acesso em: 14 Ago. 2023.
- CGI.BR. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC EDUCAÇÃO 2018. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: <http://twixar.me/FhIT>. Acesso em: 14 Ago. 2023.
- CIPRIANO, A.D.S., et al. O processo da graduação em Terapia Ocupacional: traços de ansiedade. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 16, p. e456101623854-e456101623854, 2021. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i16.23854>. Acesso em: 06 Set. 2023.

CLARKE, C.; DE-VISSER, R.; SADLO, G. From Trepidation to Transformation: Strategies Used by Occupational Therapy Students on Role-Emerging Placements. *International Journal of Practice-based Learning in Health and Social Care*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 18–31, 2019. <https://doi.org/10.18552/ijpblhsc.v7i1.508>. Acesso em: 6 Set. 2023.

CONSTANTINIDIS, T.C.; MATSUKURA, T.S. Saúde mental de estudantes de Terapia Ocupacional: revisão de escopo. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 29, e2139. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR2139>. Acesso em: 18 Ago. 2023.

COSTA, L.V.V. T. et al. (2021). Prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade em alunos de Terapia Ocupacional submetidos a metodologias ativas de ensino / Prevalence and factors associated with depression and anxiety in Occupational Therapy students submitted to active teaching methodologies. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 4, p. 17671–17686, 2021. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n4-25>. Acesso em: 6 Set. 2023.

FIGUEIREDO, M.O. et al. Terapia ocupacional: uma profissão relacionada ao feminino. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.25, n.1, 2018, p.115-126. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000100007>. Acesso em: 29 Ago. 2023.

LAPA, R.C.R. (2022). A prática da Terapia Ocupacional na saúde mental em tempos de pandemia da COVID-19. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, v. 8, n. 3, p. 1064–1076. <https://doi.org/10.51891/rease.v8i3.4683>. Acesso em: 29 Ago. 2023.

LEITÃO, L.M.J. et al. 2021. Como a pandemia afetou a prática de exercícios físicos dos estudantes universitários. In: 16ª Noite Acadêmica do Centro Universitário UNIFACIG. *Anais da Noite Acadêmica do Centro Universitário UNIFACIG*. Centro Universitário UNIFACIG, 2021, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://www.pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/noiteacademica/article/view/2723/2028>. Acesso em: 29 Ago. 2023.

MAIA, B.R.; DIAS, P.C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia, Campinas*, v. 37, p. e200067, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>. Acesso em: 27 Ago. 2023.

MESQUITA, A. M. et al. Depressão entre estudantes de cursos da área da saúde de uma universidade em Mato Grosso. *Journal Health NPEPS*, [online], v. 1, n. 2, 2016. <https://doi.org/10.30681/25261010>. Acesso em: 27 Ago. 2023.

MILHOMEM, M.A. Ansiedade e depressão entre os estudantes de uma universidade pública de saúde. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Terapia Ocupacional), Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/23084>. Acesso em: 09 Set. 2023.

MURAKAMI, K. et al. Estresse psicológico em estudantes de cursos de graduação da área da saúde: subsídios para promoção de saúde mental. *Revista de Medicina*, v. 98, n. 2, p. 108-113, 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v98i2p108-113>. Acesso em: 27 Ago.2023

OLIVEIRA, D.S.et al. Fatores associados ao estilo de vida entre estudantes de enfermagem durante a pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 5, p. e20310514835-e20310514835, 2021. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i5.14835>. Acesso em: 29 Ago. 2023.

PAIXÃO, G.M.D. et al. Participação ocupacional, estresse, ansiedade e depressão em trabalhadores e estudantes de universidades brasileiras durante a pandemia de COVID-19. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 30, p. e2952, 2022. <https://doi.org/10.1590/2526-8910>. Acesso em: 06 Set. 2023.

ROSA, C. de M.; RIBEIRO, R. Percalços da permanência na educação superior: fatores socioeconômicos como condicionantes da evasão. *Revista Cocar*, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 66–89, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1282>. Acesso em: 6 set. 2023.

SANCHES, B. P.; SILVA, N. R.; SILVA, M. L. Avaliação do estresse em estudantes concluintes de Terapia Ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 153–161, 2018. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1025>. Acesso em: 06 Set. 2023.

SANTANA, B.M. Estágio curricular supervisionado na rede de saúde/SUS: análise de documentos do Ministério da Saúde. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1268>. Acesso em: 20 Ago. 2023.

SILVA, M.L. et al. Vulnerabilidades na Saúde Mental de Universitários em Período de Estágio Clínico. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano, Canoas*, v. 8, n. 3, 2020. <https://doi.org/10.18316/sdh.v8i3.6727>. Acesso em: 06 Set. 2023.

SOUSA, R.S.; DIAS, L.D.C.S. Assistência Estudantil em Tempos de Pandemia: Novos (velhos) desafios às Assistentes Sociais da Universidade Federal do Piauí-UFPI. In: PEREIRA, S. L. B.; CRONEMBERGER. Serviço social em tempos de pandemia: provocações ao debate. EDUFPI, 2020. p. 385–409.

UNESCO. Relatório de monitoramento global da educação – resumo, 2020: Inclusão e educação: todos, sem exceção, Brasília, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/2020gemreport>. Acesso em: 22 Ago. 2023.

VERAMENDI VILLAVICENCIOS, N.G.; PORTOCARERO MERINO, E.; ESPINOZA RAMOS, F.E. Estilos de vida y calidad de vida en estudiantes universitarios en tiempo de Covid-19. *Revista Universidad y Sociedad*, v. 12, n. 6, p. 246-251, 2020. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2218-36202020000600246&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 06 Set. 2023.

VIGNOLA, R.C.B.; TUCCI, A.M. Adaptation and validation of the Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS) to Brazilian portuguese. *Journal off Affective Disorder*. V. 155, p. 104-109, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.10.031>. Acesso em: 06 Set. 2023.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, 2006. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000200003>. Acesso em: 06 Set. 2023.